



BERRAR ATÉ O CU FAZER BICO: GINGAS COMUNICACIONAIS DIANTE DA  
DESAUTORIZAÇÃO DISCURSIVA

**Vicente de Paula Nascimento Leite Filho<sup>1</sup>**

*“Geme de prazer e de pavor”*

*(Ler com Les Etoiles cantando Joana Francesa)*

QUEM NÃO ESTÁ AUTORIZADO A FALAR PODE FAZER O QUE COM O ATO DE COMUNICAR? QUE POSSÍVEIS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO, VINCULADOS À RESISTÊNCIA, PODEM EMERGIR DO SILENCIAMENTO? COMO O RUÍDO/ERRO/FRÁGIL CONSTITUEM POTÊNCIA NO ATO COMUNICACIONAL?

Numa palestra do Ciclo Diálogos Contemporâneos (2019, Brasília) o poeta e mobilizador do COOPERIFA, Sérgio Vaz, foi contundente em reafirmar que a comunicação existe “quando eu falo e você me entende”. A partir de sua vivência periférica nos impele uma comunicação direta. Contudo, diferentemente, da objetividade tecnicista, Sérgio estabelece comunicação direta com a periferia pela poesia, que comumente é associada a uma linguagem mediada por metáforas e pela carga simbólica, não sendo da ordem do imediato.

Destes entremeios discursivos/mediação destacamos os aspectos poéticos e a musicalidade: swing/fluidez, sedução performativa, ginga (LIMA, p.04, 2011). Ainda que estes aspectos - que não se quantificam a priori - não sejam valorizados nos estudos de comunicação, é preciso ressaltar que a potência desta comunicabilidade não é ignorada pelo mercado e têm sido explorada, sobretudo, na publicidade como mostra SOVIK (2009) ao analisar como a ginga/brasilidade são exploradas pela publicidade e marketing que apropriam-se desta desenvoltura multicultural e precária.

Esta malemolência atrai e cria ambiência de acolhimento - elemento crucial para persuasão, tão almejada pelos diversos segmentos da comunicação. A maleabilidade de

---

<sup>1</sup> Mestrando PPGCOM-UnB, orientadora: Gabriela Freitas, e-mail: [vincejornart@gmail.com](mailto:vincejornart@gmail.com).



comunicar opera no campo da linguagem bem como no performativo e estabelece pontes de interação não capturáveis.

Assim, os investimentos em formatar/estereotipar a ginga deixam escapar fagulhas de diferença que produzem esta ginga, dando brechas a resistência - próximo ao entendimento de Foucault (1998). A ginga apropriada mercadologicamente, como objeto de desejo, numa operação *Antropofágica Zumbi* nos termos de ROLNIK (2005), pode insurgir-se como estratégia de resistência. Nesta perspectiva MOMBAÇA (2014) analisa a performance de Pedra Costa que recentemente no seu Manifesto Cu do Sul (2018) reivindica a ginga não como produto, mas como a malícia de provocar erro/ruído.

Interessa aqui cartografar poéticas performáticas que desdobrem estratégias sensíveis (SODRÉ, 2006) e possibilidades comunicativas de resistência. Isto implica em debater fissuras entre linguagem e performance como propõe Bia Medeiros (2014) afunilando o olhar para no contexto de um “submundo” sudaca (PERRA), corpos desviados da normose por conta de marcas corpóreas cooptadas para reificar identidades subalternizadas.

É pela performance/corpo, pregas sonoras que SolangeToAberta/Pedra Costa (RN), Ekê Candoblé System (PB), Bloco das Xaninhas (PI), Lin da Quebrada (SP), Ventura Profana (BA/RJ), Culto das Malditas (DF) e tantas artistas dissidentes têm subvertido espaços discursivos restritos como a arte contemporânea e a universidade. Diante do silenciamento, elas têm fissurado possibilidades comunicativas, forjando híbridos que implodem o objetivo, subjetivo das formas comunicativas, valorizando dimensões sensíveis. Cabe a nós como comunicadores compreender melhor processo comunicacional que rasga a autorização discursiva (RIBEIRO, 2017) provocando fendas/respiros para marginais reexistirem.

*“Geme de loucura e de torpor... Já é madrugada” (Joana Francesa - Chico Buarque)*

**Palavras-chave: ginga, ruído, performance**

Referências Bibliográficas:



COSTA, Pedra. Manifesto Cu do Sul, 2018 Disponível em &lt;  
[https://issuu.com/sesc\\_sorocaba/docs/zine\\_04\\_07\\_-\\_web](https://issuu.com/sesc_sorocaba/docs/zine_04_07_-_web) &gt; .

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: GRAAL, 1998

SILVA, Renata de Lima. Corpo que ginga. VI Reunião Científica da ABRACE, Porto Alegre, 2011.

MEDEIROS, Maria Beatriz. Performance, Charivari e Política. Revista Brasileira de Estudos da Presença. pp. 47-59. UFRGS, 2014

MOMBAÇA, Jota. O giro antropocêntrico de Pedrx Solange. Disponível em: &lt;  
<https://urana.noblogs.org/post/2014/07/15/o-giro-antropoemico-de-pedrx-solange/> &gt;  
2014

PERRA, Hirra de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca(...). Salvador, Revista Periódicus, 2015.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. Belo Holorizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Suely. Conferência de durante o ENCONTRO INTERNACIONAL DE ANTROPOFAGIA. Sesc Pompéia, São Paulo, dezembro de 2005. Parte 1. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=viI8cWpGsIc>.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis : afeto, mídia e política / Muniz Sodré. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

SOVIK, Liv. [A ginga brasileira e o marketing global](#). Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso), v. 6, p. 127-142, 2009.